

O que
restou de
nossos
amores

Rafhael Borgato

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Limiar

Uma noite fria e preguiçosa de lua cheia. A tevê ligada em um humorístico sem graça. A louça por lavar na pia da cozinha. Deitada debaixo do edredom da cama de solteiro da quitinete, a cama velha que sempre range e parece a ponto de desmoronar a qualquer momento. O som baixo e o brilho da tela rompem o silêncio incômodo. Tensiono os dentes e faço algumas manobras para que o cobertor curto cubra todas as partes do meu corpo. Ruídos da conversa do casal que mora na quitinete vizinha, os ruídos que tanto me incomodam quando me viro na cama tentando vencer as noites insones, mas que ao mesmo tempo servem como alento para os momentos de angústia e solidão pesada. A gargalhada de um vizinho mais distante (se ri desse jeito assistindo ao mesmo humorístico que eu, é certamente uma pessoa de caráter duvidoso). O mato alto do terreno baldio bem ao lado da minha quitinete (a última do andar superior do pequeno condomínio) farfalha com o vento forte e o eco da ventania dá um ar de romance gótico ao quarto escuro. Um galho de uma árvore do terreno baldio bate de leve na janela, repetidamente. Talvez a realidade tenha se desfeito e eu esteja em um conto de Edgar Allan Poe. Uma noite fria e preguiçosa, talvez um pouco

assustadora. Penso vagamente nos meus anseios que mais se parecem com devaneios que em nada correspondem à minha vida. A luminária da escrivaninha ainda está acesa. Diante dela, o caderno aberto, a folha em branco, a escrita inexistente da minha literatura imaginária.

Uma batida na porta. Reconheço o vulto detrás do vidro embaçado. Uma pontada na boca do estômago. Um frio na barriga que logo se transforma em um calor a percorrer toda a extensão da espinha. Me levanto rápido demais. A cabeça gira, o chão parece se abrir sob meus pés. Caminho desequilibradamente pelo quarto escuro, acendo a luz e abro a porta. Uma rajada de vento em meu peito e no meu rosto. O frio cortante. Fecho os olhos por um breve instante e ao reabri-los lentamente me deparo com seu meio sorriso, aquele sorriso acanhado, tímido. Ela aproxima seu rosto do meu peito e me abraça. Meu peito desnudo em um quarto abafado. Tenho dezessete anos e sinto as pancadas nas têmporas a cada vez que minha mãe gira o botão do liquidificador na cozinha. Leila tirou minha blusa e meu sutiã e beija meus peitos com carinho, quando a porta do quarto se abre de maneira abrupta. Ela sorri e pergunta se eu não a convidarei a entrar. Desajeitada, saio da sua frente e fecho a porta assim que ela passa por mim. Ela observa com atenção os poucos detalhes do quarto austero que na verdade já conhece muito bem. Posso dormir aqui hoje? Não faz cerimônia. Fala sobre uma reuniãozinha de gente insuportável promovida por sua colega de quarto, da vontade de sumir dali antes que fosse consumida por um surto psicótico. Depois faz comentários genéricos sobre a necessidade de estar em um lugar tranquilo para se conectar com seus próprios pensamentos e compreender os sons de seu corpo. Quem me dera pudesse

apenas silenciar esses sons, no meu caso. Não digo nada. Respondo com um sorriso acolhedor, enquanto vejo Leila saindo apressadamente do meu quarto. Ela nota meu alheamento e pergunta se está tudo bem. Digo que sim e busco uma cadeira na minicozinha para ela se sentar. Quando volto, ela está parada diante da folha em branco em cima da escrivaninha.

“Você tava escrevendo?”

Como responder essa pergunta? Um dia a psicóloga me disse que eu deveria escrever. Racionalizar o turbilhão interior da melhor maneira que pudesse. Tentei usar uma linguagem objetiva, norma culta, escrita impecável. Provar para mim mesma que tinha tudo sob controle. Escrever para dar vazão. Escrevi, li, rasguei a folha com raiva. Quase um caderno inteiro desperdiçado dessa forma. Talvez seja melhor ficcionalizar do que racionalizar. Escrevi um conto. A quem quero enganar?

“Nada demais, na verdade o caderno tá mais largado aí em cima do que qualquer outra coisa.”

Ela observa a página em branco como se estivesse diante de um mistério a ser desvendado. É o que fazemos de nossas vidas ridículas, nos comportamos como se fôssemos o grande enigma a ser desvendado e não somente poeira insignificante, um ponto qualquer no meio de um universo interminável e indecifrável. Mas eu a observei como se aquilo realmente tivesse importância, porque no fundo tinha. A única realidade que existe é a realidade que posso ver e pensar. Principalmente do que posso me lembrar. As lembranças se misturam às imagens do presente e compõem novas cenas, inexistentes. Quem disse? Se as pensei é porque existem. A imaginação é, afinal, apenas uma interpretação ou uma recriação do real ao nosso bel-prazer. Eu escreveria isso, mas

não o farei na frente dela. Segure a ideia. A imaginação é uma interpretação do real. A única realidade que existe é a realidade que posso ver e pensar. Ela está me olhando de um jeito curioso. Será que eu disse isso em voz alta?

“Você ainda não tinha me dito que escrevia.”

“É, às vezes eu tento rabiscar alguma coisa, mas nada demais.”

“Tem algo que você possa me mostrar? Porque, assim, aqui tem só folhas em branco.”

Ela sorri. Um lindo sorriso que dá um aspecto estonteante ao seu rosto. *Estonteante...* É por pensar nesse tipo de adjetivo que minha escrita é sempre uma merda.

“Eu acabo jogando muita coisa fora. Agora não sei se vou ter algo que dê pra mostrar.”

Os cadernos preenchidos, cadernos finos de folhas arrancadas em surtos de raiva contra minha mediocridade, estão entre lençóis na terceira gaveta da cômoda velha. Meus textos me dão vergonha. Em geral, passo dias envolta em ideias aparentemente geniais que no papel se transformam em decepção. São, em geral, ficcionalizações da minha vida, que também não deixa de ser uma decepção, logo não haveria como esperar resultado muito diferente. A lixeira do banheiro fica frequentemente entupida de folhas de caderno amassadas, mas agora eu já a esvaziei e pus o lixo para fora. O frio intenso perfurou meu corpo. Depois fiquei paralisada na cama, observando minha turbulência interna e tentando me acalmar enquanto prestava atenção aos sons externos. O vulto familiar na porta me trouxe de volta à vida. Esse pequeno ciclo das folhas amassadas no cesto de lixo à pergunta dela sobre meus textos que me remete ao ato de amassar as folhas e jogá-las no cesto de lixo faz nascer a ideia vaga de um conto que nunca escreverei.

“Eu também tô escrevendo umas coisas”, ela emendou, “Umas loucuras assim, sabe, são coisa que vêm e aí eu sinto que preciso pôr pra fora de algum jeito. Acho que você vai me entender.”

Um sorriso carinhoso que me deixa encabulada, como se ela tivesse me decifrado em uma frase. Meu pai entra no quarto e começa a gritar como um desvairado. Quem era essa puta? Filha minha não vai ser pervertida desse jeito! Leila me entende, é a única que me entende, digo para ninguém ouvir — ou talvez tenha apenas pensado, enquanto recuperava a imagem de Leila fugindo do quarto e já era dominada pela certeza de que nunca mais a veria.

Ela se aproxima. Sinto o toque de suas mãos quentes no meu braço direito. Ela agora está sentada na cama, eu em pé ao lado dela.

“Você quer ler umas coisas que eu escrevi? Eu ia gostar bastante. Sua opinião vale muito para mim.”

Um sorriso de cumplicidade, a língua percorre os lábios com alguma malícia. Ou posso estar vendo coisas.

Assenti com a cabeça. Ela se levantou rapidamente e se dirigiu até a porta da quitinete.

“Já volto”, disse com um olhar intenso, antes de sair e deixar mais uma rajada de vento frio se alojar no quarto.

Vou até a cozinha pegar um copo d’água. Respiro fundo antes de beber. Meu coração parece querer saltar do peito, as têmporas acompanham seu ritmo, pancadas breves e aceleradas, uma dor aguda na cabeça. Um derrame, talvez.

Uma cena do início da adolescência. Estou com uma amiga em uma festa, dois meninos se aproximam para conversar conosco, um deles se dirige diretamente a ela, o outro fica ali

ao meu lado, claramente incomodado com a situação. Tento puxar conversa, ele responde de má vontade, faz uma certa cara de nojo. Olho para o lado e vejo minha amiga linda e deslumbrante sendo cortejada como se deve. Para alguns, a vida é um passeio no parque. Me sinto humilhada e humilhada insisto, como se tivesse algo a provar para mim mesma. Quase me joguei para cima do idiota silencioso. No fim, ele não teve muita escolha. O que seu amigo diria, afinal? Espalharia boatos sobre sua sexualidade, com certeza. Mesmo um dragão desses, quando se joga aos seus pés, você não pode deixar passar. É a voz do meu pai que diz isso. Sinto que vou vomitar. O menino foi comigo até um canto e me beijou sem muita vontade. Tudo foi muito mecânico. Eu fui movida pela contrariedade. O canto era mal iluminado e quase vazio. Ergui um pouco o vestido e tirei minha calcinha. Ele entendeu o que estava acontecendo, mas parecia não saber muito bem o que fazer. Abri o zíper da sua calça e baixei-a o suficiente. Havia um misto de excitação e frieza naquela situação. Foi ali que perdi a virgindade. Aquilo teve para mim um gosto mais de morte do que de prazer. Tudo não durou mais do que cinco minutos. No dia seguinte, quando contei para minha amiga o que tinha acontecido e pedi para ela ir comigo à farmácia comprar uma pílula do dia seguinte, ela me chamou de louca. Quis sentir que aquela era uma espécie de vingança, a prova de que eu podia ser tão boa e tão desejada quanto ela, mas só consegui sentir um vazio interior imensurável.

Fui surpreendida por uma batida discreta na porta enquanto ainda divagava em pé na minúscula cozinha da minha quitinete. Coloquei o copo de água na pia e fui abrir. Dessa

vez, o sorriso dela era mais largo e convidativo. Estendeu o caderno em minha direção e foi se sentar na cama novamente.

“Depois eu pego meu colchão, tá? Agora vou só dar um tempo aqui.”

Nós duas sabemos que ela não vai buscar o colchão. Estamos sozinhas, mas cumprimos o velho ritual em que o não-dito é muito mais relevante do que as frases soltas que mantêm a conversa. Minha cabeça está um turbilhão. Ouço a voz repreendedora de meu pai como um eco, enquanto me sento à mesa, fecho meu caderno, coloco-o de lado e começo a folhear as páginas com seus escritos, às vezes parando para fingir que leio alguns trechos. Consigo perceber seu olhar ansioso às minhas costas. Não dizemos nada. O que somos agora além de duas jovens incapazes de aceitar abertamente sua própria pequenez? Nos enchemos de expectativa sobre nós mesmas, enquanto o mundo segue sua marcha inexorável do lado de fora. Leio uma ou outra palavra solta. Sei o que ela quer ouvir. É a mesma coisa que todos querem ouvir desde tempos imemoriais. A consciência da pequenez é como a consciência da morte: deve estar bem adormecida, a ponto de nos manter anestesiados o suficiente para seguirmos adiante, dando alguma importância às nossas ações inúteis. Seguimos adiante, apesar de tudo, pulando de engano a engano. Me viro e olho em seus olhos. Ela está ansiosa. Talvez não tanto pela minha opinião sobre seus textos, os quais ela sabe que não li. O não-dito impera enquanto os diálogos devem se desenrolar da mesma maneira forçada de sempre.

“Têm coisas muito boas aqui. Você escreve muito bem, sério!”

“Você achou mesmo? Não exagera. Quero sua opinião sincera mesmo. Pode falar se tiver críticas.”

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
r.borgato@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2023.
